

MODERNAS... MAS CONSERVADORAS: Associações católicas e o papel do laicato na Igreja Católica no Recife durante a Primeira República¹

**MODERN... BUT CONSERVATIVE: Catholic associations
and the role of the laity in the Catholic Church in Recife
during the First Republic**

Luiz Carlos Luz Marques²

Walter Valdevino do Amaral³

RESUMO

Neste trabalho, analisamos o discurso dos líderes eclesiásticos em relação à modernidade e a aproximação entre as elites civis e religiosas em prol da normatização da sociedade recifense. Destacamos, ainda, a importância que as associações católicas, masculinas e femininas,

¹ Esse texto foi extraído e adaptado da dissertação de mestrado *QUE FIZERAM “ELLAS”? As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922*, defendida em 2010, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, por Walter Valdevino do Amaral, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

² Doutor em História das Religiões pela Università degli Studi di Bologna, Itália. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: lmarques@unicap.br / prof.luizcmarques@gmail.com.

³ Doutorando em História na Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, especialista em Cultura Pernambucana pela Faculdade Frassinetti do Recife e licenciado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: walterdoc@gmail.com.

representaram para a Igreja Católica no período compreendido entre 1889 e 1930. Como aportes teóricos, utilizamos os conceitos de *disciplina*, proposto por Foucault, e *habitus*, de Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: História Social; Estado; Modelos Eclesiais; Poder

ABSTRACT

This paper analyzes the discourse of Catholic Church's leaders about modernity and the rapprochement between the civil and religious elites in an attempt to make the normalization of society in the city of Recife in Brazil. We also show the importance of Catholic associations (male and female) represented the Catholic Church between 1889 and 1930. As theoretical basement we use the concepts of *discipline* proposed by Foucault and *habitus* used by the Bourdieu.

Key-words: Social History; State; Ecclesiastic Models; Power

A percepção da modernidade para a Igreja Católica

No final do século XIX, ocorreram, em todo o Brasil, diversas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, sintonizadas com as mudanças que vinham ocorrendo com a expansão das práticas capitalistas europeias. Tais ideias advindas do processo de industrialização, a partir de 1850, capitanearam novos investimentos em tecnologia, o aumento da produção, a inserção do trabalho feminino e infantil no mundo urbano, a construção de rodovias, a procura por novos mercados consumidores e a afirmação do liberalismo como ideário burguês (Cf.: HOBSBAWN, 2003, p. 325).

Este processo socioeconômico está imbricado em inúmeras outras dimensões do processo que convencionamos chamar de modernidade, cujas ideias principais são “progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência e técnica” (PAZ, 1993, p. 34). A arte, a moda, a arquitetura, a etiqueta, entre tantos aspectos do final do XIX e início do século XX, retrataram a busca de novas linguagens para traduzir as dinâmicas mudanças trazidas pelas novas técnicas. Chamamos a esse período sedutor, pleno de turbulências culturais, de *belle époque*. Nele a

civilização e modernidade convertiam-se em palavras de ordem; viravam instrumentos de batalha, além de fotografias de um ideal alentado. O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações. Sem dúvida esse é um tempo que apostou em verdades absolutas, em normas morais rígidas, na resolução de todos os imponderáveis, e fiou-se em modelos que distinguiam, de forma insofismável, o certo do errado (COSTA, 2000, p. 13-14).

No entanto, nem todas as camadas sociais vivenciaram a proposta da modernidade com o mesmo entusiasmo, pois se tratava de ideias que privilegiavam os bem-nascidos, os intelectuais, os civilizados etc. Para esses, a noção corrente de modernidade estava relacionada a melhoramentos urbanos, higienismo, tecnicismo, implantação de noções de ética do trabalho e normatização dos costumes. Essa concepção de modernidade era compartilhada pelos

detentores dos poderes civil e religioso. Já para as classes inferiores, a modernidade trazia outras questões:

Marco paralelo é a expulsão da população pobre que habitava os casarões da região central: era a ditadura do “bota-abaixo”, que demolia residências e disseminava as favelas, cortiços e hotéis baratos – os “zunga” –, onde famílias inteiras deitavam-se no chão. Isso para não falar da repressão às festas populares e procissões que passavam, igualmente, por esse “processo civilizatório”: saía o estruendo, entrava o limpo Carnaval de Veneza (COSTA, 2000, p. 28).

Naquele momento, a vida cotidiana conheceu também uma maior influência dos meios de comunicação social sobre a população, oferecendo maiores oportunidades de lazer, através dos clubes recreativos, salões de baile, teatros e cinemas e novos espaços de trabalho, através das fábricas e do setor de serviços; assim, paulatinamente, a vida cotidiana foi deixando para trás o espaço privado em busca do espaço público. Essas novas interações tiveram como palco as grandes cidades, onde ocorreu

uma violenta reestruturação da percepção e da interação humana promovida pelos modos de produção e pelo intercâmbio industrial-capitalista; enfim, pela tecnologia moderna, como os trens, a fotografia, a luz-elétrica, o telégrafo e o telefone, e pela construção em larga escala de logradouros urbanos povoados por multidões anônimas e

prostitutas, bem como opor flanêurs não tão anônimos assim (HANSEN, *in*: CHANEY; SCHWARZ, 2001, p. 406).

A modernidade seduziu e, ao mesmo, tempo criou novas dimensões através da fetichização da mercadoria, da mudança das características do trabalho e das reconfigurações da família. Mudanças que tiveram como um dos principais agentes as mídias de massa, as quais trouxeram mudanças, muitas vezes incomôdas para certos setores da sociedade.

A crescente influência desses meios de comunicação social no cotidiano da sociedade brasileira logo despertou a atenção da hierarquia eclesiástica, cuja reação se fez sentir através de repetidos brados de alerta endereçados aos católicos (Cf.: AZZI, *in*: MARCÍLIO, 1993, 101-134). No discurso do clero e das elites governantes, esses locais tornaram-se alvos de constantes ataques de uma política normatizadora dos poderes civil e religioso, pois eram tidos como os principais responsáveis pela propagação da imoralidade e da desvalorização da família na sociedade.

O artigo Vergonhoso e Deprimente, publicado no dia 26 de maio de 1921, pelo jornal O Dia⁴, revela-nos o posicionamento da Igreja Católica sobre esses novos ambientes de lazer:

A dissolução de costumes alastra-se rapidamente, pompeiando impudente

⁴ Esse jornal pertencia à Matriz da Piedade, sua publicação era dedicada à propagação da doutrina e da vida social idealizada pela Igreja Católica na cidade do Recife. Mantivemos, nesse e em outros textos tirados diretamente das fontes, a ortografia do português tal como era escrito no início do século XX. Como são muitas as diferenças, evitamos destacá-las com “[sic]”.

e debochada. [...] Tudo está sendo avassalado nem mesmo as jovens, que serão as mães de amanhã têm resistido aos exemplos corrosivos. [...] Deprime-se a moral, zomba-se da Religião e seus ministros; rebaixa-se a virtude e exalta-se o vício, ridiculariza-se o amor sagrado da família e endeusa-se o amor venal. [...] Paes de família, vós que vos ufanas do nome de catholicos, a vós pertence tomar a providencia que se impõe.

Não consitaes que vossos filhos usem vestes escandalosas, tomem parte nessas danças modernas, que são a plenitude da immoralidade, frequentando casas de espectaculos, que são a escola do vicio.

Em vossas mãos está o destino da sociedade e quiçá da Patria (VERGONHOSO e deprimente, *in*: O DIA, 1921, p. 02).

Outro artigo, *A suggestiva escola do crime*, publicado naquele mesmo ano pelo jornal *A Razão*⁵, mostra que a posição da hierarquia eclesiástica sobre esses novos meios de comunicação social, também era compartilhada por jornalistas leigos. Vejamos:

Quem não conhece, por ventura, o que é cinema? Todo mundo o conhece, o frequenta. É partte integrante do systema de vida tanto do proletario como do burguez, tanto

⁵ Esse jornal era um órgão independente, que dedicava a sua publicação a questões políticas, econômicas, sociais e religiosas dos recifenses.

do aristocrata como do prebeu, tanto do homem popular como do homem arregimentado na escola das suas prosapias e basofias. [...] O cinema é um coxo moral, é a escola do crime é o mestre da sedução.

Entre nós, o cinema instituiu duas maneiras de suggestionar os espectadores incautos: o punhal e o beijo. Duas correntes opostas mas que concorrem para o mesmo plano inclinado das degenerescencias moraes.

D'est'arte, já que não é possivel afastar os adultos dessa escola onde se presencia tantas cousas que ainda se ignoram cuide-se, com interesse e extremado amor da educação das creanças, ou afastando-as do contacto do cinema, para que o seu moral em formação não se corrompa prematuramente, que muitas dellas poderão ser homens de Bem, ou se creando sessões especiaes para ellas, de fitas que desenvolvam sentimentos sadios, prenhes de lições moralisadoras e altamente instructivas (RABELLO, *in*: A RAZÃO, 1921, p. 01).

Como podemos observar em ambos os jornais, tanto o confessional quanto o laico, havia uma grande preocupação dos detentores do poder em relação às transformações socioculturais que os clubes recreativos, salões de baile, teatros e cinemas representavam para a sociedade. Pois, na perspectiva deles, os meios de comunicação social eram os principais responsáveis pelo crescimento da imoralidade,

desvalorização da família, aumento dos vícios alcoólicos, aumento das separações e desquites e tantos outros *males* que vinham corrompendo o bem-estar social.

A união da Igreja e das elites em nome da família

No início do século XX, a modernidade vivida pela elite recifense, bem como o catolicismo praticado por esse mesmo segmento, longe de se contraporem, complementavam-se e apoiavam-se mutuamente quando o assunto era reordenar e disciplinar a sociedade. A preocupação com os fundamentos de ordem social e religiosa foi o princípio que estabeleceu uma aproximação entre os poderes civis e eclesiásticos, apesar do discurso dominante, de absoluta separação entre *trono e altar*, vitorioso após 1889, com a proclamação da República. Segundo a historiadora Emanuela Ribeiro,

neste ponto convergiam os dirigentes da sociedade civil e os da sociedade religiosa, ambos pretendiam evitar desordem, confusão, perturbação da paz social, inquietação das consciências, e, portanto, reconheciam a necessidade de disciplinar a sociedade civil, cujos indivíduos eram, com efeito, os mesmos fiéis que fazem parte da sociedade religiosa (RIBEIRO, 2003, p. 17).

Na capital pernambucana, a relação entre as elites civis e religiosas era o que podemos chamar de uma *relação de boa-vizinhança*, uma vez que ambas reconheciam a força e a importância que, mutuamente, exerciam na sociedade. No folheto *Jesus Redemptor: Jesus Christo Vence! Jesus*

Christo Reina! Jesus Christo Impera!, publicado no dia 4 de novembro de 1900, por ocasião das comemorações da virada do século XIX para o XX, observamos que a Igreja Católica buscava manter uma aproximação particular com os detentores do poder, pois o convite para a *Grande Romaria* foi posto da seguinte forma: personalidades eclesiásticas, políticas, militares, jurídicas, senhores e senhoras de *boa família* e, por fim, a todos que fazem parte da sociedade (Cf.: AMARAL, *in*: JESUS Redemptor, 1900, p. 02).

Ressaltamos que, no convite, a Igreja se preocupou em não excluir nenhum segmento da sociedade, pois os líderes eclesiásticos acreditavam que todos os segmentos sociais deveriam estar envolvidos no processo de normatização do cotidiano familiar.

Naquele momento, era constante, por parte das elites sociais dos principais estados do Brasil, como Pernambuco, pretenderem delimitar seus espaços sociais e estabelecer seus próprios modelos de comportamento e de família, pois os modelos serviam para legitimar a desigualdade, ou melhor, criar referências que as distinguissem do restante da população (Cf.: PEDRO, 2004, 278-321). Já os eclesiásticos desejavam construir espaços sociais em que harmoniosamente convivessem a religião católica e a sociedade moderna. A criação desses novos espaços fazia parte do processo de reestruturação da sociedade na República, então recente.

Através de vários argumentos, principalmente os de cunho moral, os discursos dos membros da alta sociedade se atrelaram ao discurso da Igreja Católica, no sentido de consolidar um novo modelo normativo de família, no qual caberia ao homem prover o sustento da família, e à mulher cuidar do lar e educar os filhos. Esse modelo de família

tinha como um dos seus principais objetivos fazer com que a sociedade se voltasse mais para a vida no lar, pois as novidades da vida urbana (como o cinema e os salões recreativos) estavam cada vez mais atraindo as pessoas para uma “vida mundana”.

O *footing* pelas ruas, o hábito de tomar café nas confeitarias e o *flirting* entre os jovens escandalizavam os católicos mais conservadores, que temiam ser tais costumes da *belle époque*, advindos principalmente de Paris, cerne da modernidade, desestabilizasse de vez as boas famílias recifenses (Cf.: REZENDE, 1997).

No que diz respeito à família, podemos dizer que a principal proposta dos detentores do poder foi a divisão de papéis no modelo da família nuclear, segundo a qual à mulher cabia o papel de esposa-mãe-educadora e ao homem o de esposo-pai-provedor; nessa proposta, o núcleo familiar encolhia e a família ideal passaria a ser composta apenas de pai, mãe e filhos.

Para a Igreja Católica, o modelo da família nuclear elevaria o sentido dos cônjuges, pois, ao homem, “a família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes” (RAGO, 1985, p. 61). Enquanto à mulher estava reservado um papel de destaque e valorização, pois ela representava, em cada lar, o papel de

mãe, irmã, esposa e filha, o conjunto de afeições que podem unicamente ligar todos os membros da associação elementar assim, constituída; e, considerando, pois, que a felicidade e a moralidade da espécie humana depende sobretudo

da mulher, cujo destino doméstico se resume, então, em exercer sobre o homem os diversos gêneros de influência espiritual, de forma a lhe inspirar as disposições mais convenientes as suas funções públicas (CORREA, 1994, p. 81).

Tanto o discurso do clero quanto o do laicato mais intelectualizado davam ênfase à preservação dos valores familiares. Na matéria *A Família*, publicada no dia 1º de dezembro de 1910, no jornal *A Família*⁶, notamos a preocupação do autor em demonstrar a importância da preservação dos valores familiares, para o bem-estar da sociedade, pois, “indubitavelmente, a família é a égide dos povos, a sua revelação de cultura e o termómetro de sua civilização. Na organização da família, nas garantias com que a cercam as leis, é que residem, em síntese, a moral social e a moral philosophica” (*A FAMÍLIA, in: A FAMÍLIA, 1910, p. 01*).

Ao insistir na tradição familiar, os líderes eclesiásticos e as elites sociais desejavam efetivamente construir um caminho que reordenasse a sociedade, em oposição àquelas transformações socioculturais, as quais eram responsáveis pela desordem e anarquia social e, ao mesmo tempo, favorecer o surgimento de uma tradição da família nuclear com papéis bem definidos, de forma que ela fosse normatizada, graças, principalmente, à atuação das mães cristãs.

⁶ Esse jornal era um órgão independente e tinha como subtítulo “órgão literário, noticioso e evolucionista”. A sua publicação era quase que exclusivamente dedicada a matérias em defesa da família tradicional e críticas as novidades da *belle époque* na capital pernambucana.

Controlar as ações em casa e na rua, os movimentos dos fiéis, homens ou mulheres, dar-lhes um espaço calculado de ação dentro do raio de observação da Igreja, através de seus dogmas; uma liberdade vigiada para evitar a *deblaclè* da sociedade pela sedução da vida moderna. Isso demonstra o que Michel Foucault aponta com o surgimento no decorrer dos últimos dois séculos, de dispositivos de observação e de controle social, algo tão moderno, que a Igreja passa a usar para cooptar e controlar seus fiéis, também, através do policiamento, da vigilância e de inculcar novos valores, mais rígidos no seio de seus seguidores.

O esquema panóptico, sem se desfazer nem perder nenhuma de suas propriedades, é destinado a se difundir no corpo social; tem por vocação tornar-se aí uma função generalizada. [...] tem um papel de amplificação; se organiza o poder, não é pelo próprio poder, nem pela salvação imediata de uma sociedade ameaçada: o que importa é tornar mais fortes as forças sociais – aumentar a produção, desenvolver a economia, espalhar a instrução, elevar o nível da moral pública; fazer crescer e multiplicar (FOUCAULT, 1977, p. 183).

O uso desses novos aparatos de controle pelos eclesiásticos era uma faceta na sua luta travada contra as mudanças radicais advindas com o projeto moderno, mas, entretanto, não tinha intenções de destruir a nova civilização em que estava inserida, mas, sim, remodelá-la a partir do controle dos seus excessos, usando como agentes para tal empreitada seus fiéis, que com isso, iriam recuperar o poder que a instituição foi, paulatinamente, vendo minguar

com o advento da Proclamação da República e de suas consequências. Para isso, o controle do fiel, a proximidade cada vez mais constante com ele, a disciplina de seu corpo e o controle dos excessos de seus atos vão ser elementos usados e reiterados pela hierarquia católica. Para Michel Foucault, “disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (1977, p. 191), o que é característico delas é que

tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível [...]; fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos o tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce [...] em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema (FOUCAULT, 1977, p. 191).

Este pensamento é reforçado pela historiadora Emanuela Ribeiro, quando afirma

as relações entre o catolicismo e a modernidade foram de aproximação. Na intenção de disciplinar a sociedade, e de normatizar as manifestações da religião, das religiosidades e das culturas das populações pobres, a Igreja Católica e a modernidade protagonizaram

muito mais convergências que antagonismos (RIBEIRO, 2009, p. 50).

Na verdade, os homens já pareciam estar enquadrados, a questão era convencer a mulher, a qual passaria a ser o centro de todo um esforço de propagação de um novo modelo de família, orientado para a intimidade do lar, no qual deveriam ser cultivadas as virtudes da fina flor social. O novo modelo de família concretizaria o sentido do homem e da mulher, tanto para a Igreja Católica como para as classes mais abastardas da sociedade recifense, uma vez que

A família prende o homem ao seu trabalho; eleva-o aos maiores sacrifícios, fornecendo-lhe as melhores energias para tudo conseguir.

A família so ennobrece quando se constitue o alvo principal das conjecturas de seu chefe que, animado pelas felicidades proporcionadas, trabalha, conjugado o esforço com o brio, até vencer (A FAMILIA, *in*: A FAMILIA, 1910, p. 01).

A contribuição da mulher, por sua vez, seria a de manter a felicidade e a harmonia dentro do lar: “a mulher esposa é, pois, uma creatura providencial. [...] A mulher no pensamento divino complementa o homem, é sua companheira, sua auxiliar” (ESPOSA, *in*: TRIBUNA Religiosa, 1914, p. 01). A ela também cabia a função de propor uma boa educação aos filhos, formando, assim, bons cidadãos para o futuro da sociedade, pois “é sobretudo a mãe christã na paz harmoniosa do lar que é uma escola e

um templo, que cabe o ministerio nobilissimo de salvar a sociedade combalida, salvando a creança por uma sadia e luminosa educação moral” (MÃE Christã, *in*: TRIBUNA Religiosa, 1914, p. 01).

Assim, a Igreja Católica intensificou a sua aproximação com as mulheres, convidando-as a participar mais ativamente da vida sociorreligiosa. Para o historiador e filósofo Riolando Azzi, um dos principais “instrumentos utilizados nessa época para manter as jovens e senhoras dentro dos padrões religiosos e morais desejados pela instituição eclesiástica foi a difusão de associações religiosas” (AZZI, *in*: MARCÍLIO, 1993, p. 114).

As associações católicas e o papel do laicato

Nas primeiras décadas do século XX, aumentaram os incentivos para a formação de diversas associações religiosas (tanto masculinas como femininas) nas paróquias da cidade do Recife. Esses grupos representaram um importante papel no desempenho nos trabalhos eclesiásticos, pois ofereciam uma maior dinamização dos trabalhos dos padres nas comunidades onde suas paróquias estavam inseridas, mostrando-se como verdadeiros *tentáculos* sociorreligiosos, no que se refere à propagação e difusão dos conceitos éticos e morais da Igreja Católica.

Neste processo, os párocos contaram com o apoio de periódicos católicos, como o jornal *Tribuna Religiosa*⁷, que, em um artigo intitulado *Associações*, por ele publicado

⁷ Esse jornal pertencia à Igreja Católica, tinha como subtítulo “Órgão oficial da Archidiocese de Olinda”, as suas publicações eram dedicadas a propagar a imagem do clero, a doutrina, a fé, a ética, a moral e as normas católicas no Estado de Pernambuco.

em 9 de novembro de 1912, revela os principais argumentos utilizados pelo clero para justificar a formação de novas associações:

Associar, reunir, congregar almas, cheias de fé e zelo, para o bem, para ensinar o reino de Deus é sem duvida uma das mais bellas e fecundas formas do apostolado christão.

O bem inestimavel que as associações têm prestado á Egreja, é um argumento potente em favor da utilidade e necessidade desses nucleos de acção religiosa.

A acção individual jamais terá o raio da actividade colectiva bem orientada e permanente.

Nos ultimos tempos se tem propagado por toda parte esse espirito associativo como arma de propaganda e combate. [...] Nos nossos meios religiosos abundam as associações para senhoras.

Longe de nós esconder o fugor religioso que se irradia dessas legiões de virtude que tanto bem fazem em nossas parochias (ASSOCIAÇÕES, *in*: TRIBUNA Religiosa, 1912, p. 01).

Através desse enquadramento de leigos em suas diversas associações religiosas (masculinas ou femininas), o clero tornou-se capaz de operar o trabalho molecular, através do qual o catolicismo romanizado⁸ atingiu as grandes massas

⁸ Segundo o historiador Newton Cabral, o catolicismo romanizado: “tratava-se de considerar como modelo eclesiástico válido um que tivesse como traços essenciais a espiritualidade centrada na prática dos

populares e também as elites sociais e culturais; essas associações foram fundamentais para a difusão dos conceitos éticos e morais estabelecidos pela Igreja Católica (Cf.: OLIVEIRA, *in*: OLIVEIRA, 1985, p. 182-183).

Os membros dessas associações religiosas eram estimulados pelo assistente eclesiástico – e também pelos membros da diretoria da associação, geralmente pessoas mais próximas e de confiança do assistente eclesiástico – a frequentarem as missas, a participarem dos sacramentos, a praticarem os atos de piedade próprios à sua associação, a fazerem leituras religiosas, e a cumprirem estritamente seus deveres morais e éticos com o próximo e, principalmente, com a própria família. A influência destas associações se irradiava através da família, motivo pelo qual a socialização religiosa se fazia principalmente por meio feminino.

Na vida social, as associações católicas tornaram-se notórias devido a sua capacidade de conseguir reunir membros das principais famílias em um mesmo grupo de interesses, multiplicando cada vez mais seus adeptos em defesa da tradição familiar, da ética e da moral, não só cristã, mas também civil, destacando-se também pelas atividades beneficentes. As associações cumpriram um papel de cimentação social, de conservação da unidade ideológica das camadas sociais, especificamente da elite.

Podemos dizer que elas, obviamente, para poderem atuar, criaram laços entre seus membros, dando um maior sentido e/ou espaço para a atuação do fiel dentro da Igreja, elaboraram uma identidade a partir de ritos e práticas, bem como de sua atuação na sociedade. Isso demonstra o que o

sacramentos, o senso de hierarquia eclesial e a preocupação com a doutrinação” (CABRAL, 2009, p. 161).

sociólogo Pierre Bourdieu disserta acerca da criação do que intitula por *habitus*, conceito que explica as características que dão sentido a existência de um grupo e que o ajuda a se diferenciar perante outros. Para o sociólogo francês todo esse processo é o:

produto de um trabalho social de nomeação e inculcação, ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas linhas de demarcação mística, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada (BOURDIEU, 2002, p. 63-64).

A partir desse pensamento de Pierre Bourdieu, temos uma melhor compreensão de como se processou a criação dessas associações religiosas, sua função dentro da Igreja e como foi elaborado o seu *habitus*, a partir da análise de seu percurso.

O processo de criação dessas associações aumentou a capacidade de reunir um maior número de pessoas em torno de um objetivo comum, proporcionou aos líderes eclesiásticos uma posição mais privilegiada na sociedade civil brasileira, possibilitando, assim, o surgimento de uma nova comunidade católica, mais fortalecida diante de um Estado laico.

Setores da Igreja Católica começavam a evidenciar alguma consciência do poder que estava sendo gerado em suas associações, compreendendo que, além de núcleos religiosos, essas associações teriam influência na vida social. O reconhecimento do alcance e do poder das novas associações religiosas fez com que o clero não mais se

intimidasse diante dos novos líderes políticos republicanos, e passasse a argumentar sobre a influência que poderiam exercer, buscando demonstrar aos detentores do poder político, benefícios do catolicismo para a ordem e o bem-estar social.

Num segundo momento, parcela dos líderes eclesiásticos, adotaram novas estratégias de caráter coercitivo, pois passaram a demonstrar que não só possuíam uma consciência política, mas que a conheciam e estavam prontos a utilizá-la quando fosse necessário. “Devem se convencer os catholicos do valor que tem nas democracias modernas, o voto livremente emitido; e, mediante o exercício do direito eleitoral, influir para uma orientação prudente e bem definida” (SUB tegmine fagi, *in*: TRIBUNA Religiosa, 1912, p. 01).

Essa característica política pode ter atraído um maior número de homens para as associações, pois ser membro de uma alguma associação católica, além de *status* na sociedade, poderia significar um verdadeiro *trampolim* para a vida política ou mesmo uma ameaça para aqueles que tivessem e/ou pretendessem entrar na vida política.

Entre as associações católicas destinadas ao público masculino, existentes nas paróquias do Recife, durante o período compreendido entre 1889-1930, encontramos: Círculo Católico de Pernambuco, Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, Liga para a Restauração dos Ideais, Sociedade São Vicente de Paulo, União Católica de Operários e União de Moços Católicos.

Apesar da importância das associações masculinas, as associações femininas foram nitidamente superiores, tanto em número quanto em trabalhos realizados em prol da Igreja; e, isso, por dois motivos: primeiro, porque o contingente de católicos praticantes naquele período era

constituído principalmente pelo sexo feminino; segundo, porque, para muitas mulheres, ser membro de uma associação religiosa representava assumir uma identidade na sociedade.

Para a Igreja Católica, a presença feminina era fundamental no sentido de que as mulheres poderiam educar e preparar seus filhos segundo as tradições católicas, sendo, dessa forma, as encarregadas da preservação das famílias dentro da ordem tradicional. As mulheres que faziam parte de uma associação religiosa eram vistas pela sociedade como piedosas, guerreiras da fé, conservadoras e propagadoras dos bons costumes, o que as tornava verdadeiros exemplos a serem seguidos.

Entre as associações católicas destinadas ao público feminino, existentes nas paróquias do Recife, durante o período que estamos analisando, encontramos: Apostolado da Oração, Mães Cristãs, Pia União das Filhas de Maria, Coração Eucarístico, Senhoras de Caridade, Doutrina Cristã, Associação do Rosário e Associação de Nossa Senhora das Vitórias.

Para os eclesiásticos, associações como essas, representavam uma das formas mais eficazes para cuidar da *virtude do sexo frágil*, uma vez que as mesmas tinham por objetivo fazer com que as mulheres se tornassem obedientes e respeitadas, de forma que, quando fossem solicitadas por Deus, estivessem capazes de reconhecer a sua vocação e realizá-la da melhor forma possível, independentemente de serem esposas, mães, religiosas ou leigas piedosas no meio da sociedade.

Referências

AMARAL, Marcolino P. do. A grande romaria: convite religioso. In: **Jesus Redemptor**. Jesus Christo Vence! Jesus Christo Reira! Jesus Christo Impera! Recife, p. 2, 4 nov, 1900.

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que fizeram “ellas”?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010. 101p.

ASSOCIAÇÕES. In: **Tribuna Religiosa**. Orgão oficial da Arquidiocese de Olinda. Recife, ano VI, n. 42, p. 01, 09 nov. 1912.

AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 101-134.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5ª ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: FASA, 2009. 212p.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 176p.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. **Sexualidade e poder na belle époque de Porto Alegre**. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 1994. 127p.

ESPOSA. In: **Tribuna Religiosa**. Orgão oficial da Arquidiocese de Olinda. Recife, ano VIII, n. 09, p. 01, 14 mar. 1914.

A FAMILIA. In: **A Família**. Orgão litterario, noticioso e evolucionista. Recife, ano I, n. 01, p. 01, 01 dez. 1910.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977. 277p.

HANSEN, Mirian Bratu. Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade. In: CHANEY, Leo; SCHWARZ, Vanessa (Org). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 575-600.

HOBSBAWN, Eric J. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Tradução de Donaldson Magalhaes Garschagen. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 325p.

MÃE Christã. In: **Tribuna Religiosa**. Orgão official da Archidiocese de Olinda. Recife, ano VIII, n. 02, p. 01, 24 jan. 1914.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da “romanização”. In: _____ (Org.). **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 167-187.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993. 148p.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 278-321.

RABELLO, Fausto. A suggestiva escola do crime. In: **A Razão**. Orgão independente. Recife, ano II, n. 11, p. 01, 02 jan. 1921.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209p.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997. 210p.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e modernidade no Maranhão, 1889-1922**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 173p.

_____. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889-1930**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. 307p.

SUB tegmine fagi. In: **Tribuna Religiosa**. Órgão oficial da Arquidiocese de Olinda. Recife, ano V, n. 5, p. 2, 4 fev. 1911.

VERGONHOSO e deprimente. In: **O Dia**. Órgão da Matriz da Piedade. Recife, ano II, n. 09, p. 02, 26 mai. 1921.